



M E B - REFLEXÕES

É provável que, quando as Equipes recebam este Boletim, já tenham realizado o IV Encontro de Coordenadores, ou que estejam em meio à sua realização. Se considerarmos que este é o segundo encontro que realizamos este ano, e a situação dos trabalhos em geral, veremos que tivemos uma grande movimentação em nossas atividades internas e uma morosidade e, por vezes, quase parada, nos trabalhos externos que se vinculam diretamente aos contatos e trabalhos com as comunidades, trabalhos com escolas, etc.

Não poucas vezes refletimos sobre as hipóteses de termos que suspender tudo, de desistir desta quase aventura que é fazer um trabalho de educação de adultos no Brasil de hoje. Mesmo agora, depois de alguns entendimentos formais entre o Governo Federal e o CDN do MEB, os recursos concretos que possibilitem uma normalização de trabalhos não chegaram às nossas mãos. Temos que continuar nossa insistência até resolver esse problema.

De qualquer forma, nosso interesse, hoje, é refletir com vocês exatamente sobre o que representa toda essa inconstância, essa instabilidade de um trabalho cuja natureza é essencialmente de promoção e integração popular, que se caracteriza pelo processo de tomada de consciência da situação social.

A inconstância do trabalho do MEB e a instabilidade que sofremos não são apenas resultado dos condicionamentos econômicos que temos tido, nem das pressões que temos sofrido, enquanto fazemos um trabalho que alcança profundamente o povo. Tudo isso reflete a mudança de um país que tem padrões antigos de comportamento sócio-cultural para uma nação moderna que é obrigada a nascer da própria pobreza.

Quem pode fazer uma comparação com entidades públicas, as grandes empresas, os grandes Ministérios, verá, facilmente, que, proporcionalmente, o MEB, com o pouco que tem, com as incompreensões para com seu trabalho, já fez muita coisa útil no sentido da mudança social no Brasil. O próprio fato de termos tido dificuldades, durante todos estes anos, é o melhor índice de que somos fator de mudança sócio-cultural. E, em geral, há pouca compreensão da necessidade das mudanças como fator de progresso.

Esta reflexão não é uma forma de buscar uma autoconsolação para o pessoal do MEB. É um apelo à consolidação do senso de responsabilidade que sempre tivemos, no sentido de deixar claro nossa posição de profissionais comprometidos com a promoção do homem brasileiro.

Mesmo que alguma circunstância venha a diminuir nossas possibilidades de atuação, o compromisso que assumimos sempre poderá encontrar formas novas de trabalhar no sentido da participação do homem brasileiro nos diversos aspectos da vida de sua nação, marcando, de fato, sua presença em nossa história.

NOVAS PUBLICAÇÕES

Neste período em que não pudemos viajar, tivemos, várias vezes, que pedir maior número de informações e relatórios, etc. Tudo isso não ficou apenas como material de arquivo. Teremos, em breve, novas publicações que sistematizam tudo o que fizemos como material de estudo. É o resultado do atendimento às circulares 12 e 13.

a) Experiência do MEB em 5 anos - É quase um livro, onde se reúne tudo o que publicamos e o que fizemos, desde nossa organização interna, até nossos métodos de trabalho, mostrando o que é o pensamento do MEB em matéria de educação de adultos. Praticamente não conterà coisa nova, mas recolhe, de forma organizada, os trechos mais importantes de nossos documentos, apostilas, relatórios, etc.

b) Trabalhos de Comunidade - Será um texto que integrará o que têm sido as experiências das diversas equipes junto às comunidades atingidas pelo movimento, a partir de 1965. Como se trata de um trabalho que reflete, sistematiza e relata experiências, coloca quase tudo que nos foi enviado por relatórios, cartas, apostilas, etc. Não será uma elaboração do Nacional, mas um trabalho conjunto sobre o que fizemos.

c) Treinamentos - Será uma apostila de estudos sobre o que representam os treinamentos do MEB, no que diz respeito aos líderes e monitores. Naturalmente, é um trabalho que sistematiza os relatórios, as técnicas e as experiências diversas até hoje vividas em MEB, por todos os sistemas locais.

Todo êsse material sintetiza uma experiência feita durante 5 anos e nos parece que poderá ser muito útil nas reformulações e na tão esperada retomada normal dos nossos trabalhos.

* * *

VERBA DO MEB

No BOLETIM Nº 7, informamos que o Ministério da Educação e Cultura pagaria a verba liberada em 4 parcelas, no entanto, logo depois da saída do BOLETIM, foi mudada a forma de pagamento: o Ministério depositou toda a importância no Banco do Brasil, mas sua liberação para o MEB será em 6 parcelas, devendo a última ser paga em janeiro de 1967.

Desse maneira, a remessa aos sistemas tem sido feita com regularidade, tendo como condição apenas o recebimento, pelo Nacional, das prestações de contas corretas.

ADMINISTRAÇÃO - GOIÂNIA

Parabéns ao setor de administração do sistema de Goiânia. As prestações de contas são elaboradas e encaminhadas em absoluta concordância com as instruções baixadas pelo Nacional.

TEFÉ - AM



A equipe de Tefé foi treinada em dezembro de 1963, juntamente com todas as equipes da Amazônia, iniciando suas atividades logo após o treinamento.

Recebeu supervisão do Nacional, em outubro de 1964, e o coordenador da equipe participou do III Encontro Nacional de Coordenadores em abril - maio - de 1966. A equipe é constituída pelos seguintes elementos:

Coordenador:

Protásio Lopes Pessoa

Supervisores:

Helena Maria de Souza
Francisco Jaminana Pinheiro
Augusto Cabrolié G. de Souza
Rosália Negreiros
Adalberto Pinheiro Gonçalves
Pedro André Filho

Professora:

M^{te} Lenice dos Santos Torres

Secretária:

Lindalva Lopes Pessoa

Motorista:

Antônio de Barros
Raimundo Queiroz

Verba Teto

A verba teto do Sistema é de Cr\$ 1.326.874 mensais.

O Trabalho

O Sistema de Tefé atinge 4 dos 6 municípios que constituem a área do Sistema, desenvolvendo um trabalho de Animação Popular que vai desde EERR até trabalhos comunitários. Em dezembro de 1965, o Sistema emitiu programas educativos para 186 Escolas.

Pode-se ter uma idéia do que é o trabalho em Tefé através da carta e do relatório que transcrevemos a seguir:

" Respondendo à circular de 26/6/66, aqui segue o que nós temos sobre Animação Popular. Nosso Sistema inicialmente se prendeu a escolas radiofônicas. Demos aulas durante dois anos. No princípio de 66, planejamos a fundação sistemática de conselhos e núcleos comunitários, mas fomos desaconselhados pelo Nacional. Nós já tínhamos aqui as experiências de Barés e Tamaniçuá e também, com o conhecimento que temos da área, sabíamos que era chegada o momento de iniciarmos tal atividade. Assim, suspendemos o plano traçado e ficamos com um Curso que se realizou nos meses de janeiro e fevereiro com grande aproveitamento para os nossos monitores. Também deve-se lembrar que, naquela ocasião, não seria possível realizar qualquer serviço de vulto, pois o Nacional não nos podia atender com verba suficiente. Mas, continuei pensando no plano de janeiro e fevereiro: fundação de núcleos. Assim, em maio, aproveitando o que estava planejado para o início do ano, e sobretudo pela situação em que ficaram as escolas pela falta de supervisão, juntando um serviço

ao outro, planejamos a reestruturação das escolas e avaliação do que tinha sido aplicado nestes dois anos e fundação de alguns núcleos, obedecendo os princípios adotados em Barés e Tamaniçua. Em junho, comunicamos ao Nacional e remetemos o planejamento para julho. Porém, devido, mais uma vez, à situação financeira do MEB, não obtivemos verba e usamos a verba de julho (manutenção de veículos, material de escritório, etc) para ajudar as despesas com o serviço, o que ficou em parte pronto no dia 30 de julho, com a fundação de 11 núcleos já funcionando no momento e mais quatro a fundar. Como as cartas têm atrasado, só no dia 28 de julho recebemos a circular do dia 26 de junho a que respondemos no momento. Estes são os novos rumos que tomamos em animação popular. Vamos aguardar alguma apreciação, e ficaremos informando como vão indo os trabalhos comunitários que ora se iniciam. Sem mais, aceite cum primetos sinceros do pessoal da equipe. "

ass.) Protásio Pessoa. 8-8-66

Animação Popular

Experiências em Tefé

O Sistema de Tefé somente agora entra a funcionar diretamente com Animação Popular. Foi projetada para janeiro e fevereiro de 1966 a fundação de Núcleos de Animação Popular no Sistema de Tefé, mas foi desaconselhado pelo MEB Nacional. Assim foi que as atividades de Animação previstas não surtiram os efeitos desejados. Mesmo assim, pelas transmissões feitas em preparação das atividades de janeiro a fevereiro, certas localidades tomaram a iniciativa de fundar por si mesmas. Assim, surgiram em pequenos núcleos em:

BARÉS - FONTE-BOA: Na localidade Barés, no Município de Fonte-Boa, com 10 casas, o povo se reuniu espontaneamente, e pediu ao su-

pervisor do MEB que orientasse a fundação de um núcleo. O Supervisor marcou uma data para voltar ao povoado e fazer a reunião pedida. Porém, antes de sair do povoado, visitou cada casa, como é costume, e falou, em particular, com os homens, para sondar a disposição dos que não tinham mantido contacto com ele antes. Ficou satisfeito, pois constatou que todos estavam interessados e já tinham discutido os objetivos e a constituição da sociedade. Assim, em data marcada posteriormente, voltou o supervisor e, em reunião, organizou o núcleo de Barés, cujos objetivos são os seguintes:

a) Agricultura: Quando houver qualquer serviço de roça de um pai de família de Barés, deverá ser feito de acordo com o povo. Se fôr desmatamento, plantio, capina ou colheita, será feito em forma de mutirão (ajuri). Marcam um dia e, juntos, fazem o serviço do que necessita, porém com a obrigação de quem recebe o serviço prestar um dia de trabalho, quando fôr solicitado. Também o dono do trabalho tem o dever de dar toda a comida, no dia do mutirão.

b) Fica obrigado cada um a prestar um dia de serviço por mês ao povoado, como seja ajuda de limpeza ou consertos de habitações. Para a limpeza do povoado, que será feita em forma de mutirão, com o dinheiro tirado da caixa do núcleo, será marcado um dia do mês. Também o conserto e a construção de casas do povoado são feitos em forma de mutirão, marcado o dia do mês para tal serviço e as despesas de comida são feitas com o dinheiro da caixa da sociedade.

c) A sociedade também vê o esporte. Este ano já compraram um equipamento para o time local, com a ajuda de todos.

No momento, os objetivos são dois: a) ajuda à agricultura local e à localidade. Após a reunião da fundação, ficou formada a diretoria, composta de 5 pessoas: 1 responsável, 2 secretários e 2 tesoureiros e, como sócios, todos os pais de família do povoado que são sócios contribuin-

tes. Ficou estabelecido que cada pai de família pagará Cr\$ 500 por mês como contribuição, entregues ao tesoureiro que escritura no livro competente. A Diretoria se reúne duas vezes por mês, sendo que a 1ª é no primeiro domingo do mês e a 2ª no último. Na primeira reunião, fazem os planos de serviço comunitário para o mês; faz-se prestação de contas; marca-se o dia de serviço comunitário e faz-se uma revisão dos trabalhos já realizados pela sociedade. Na segunda, verificam o que fizeram no mês e o valor dos serviços para o povoado e o povo. Nesta última reunião, geralmente, está presente o supervisor, que recebe as informações. Expõe alguma idéia nova ou aprova os projetos e remete as informações para o centro do Sistema que transmite no sábado seguinte. Quando o supervisor visita as escolas, permanece mais tempo em Barés para falar com o povo sobre o núcleo.

Já realizaram limpeza do povoado e várias roças foram feitas ou colhidas na base do mutirão.

No caso de um membro da diretoria se ausentar, o imediato a ele assume, para não sofrer solução de continuidade.

TAMANICUÁ - FONTE-BOA: Também em Tamanicuá, foi fundado um núcleo, com a presença do supervisor. Formaram uma diretoria como a de Barés e se reúnem duas vezes por mês ou todas as vezes que o supervisor passa por lá. Tem como finalidades: agricultura como em Barés (mutirão para qualquer serviço agrícola, sem ficar comprometido quem recebe o serviço). Limpeza do povoado, com dinheiro da caixa, o que já foi feito duas vezes este ano. Conserto de habitações que já foi feito por três vezes no primeiro semestre e construção de duas casas para pessoas extremamente pobres da localidade.

Querem adquirir uma ambulância médica (estôjo com medicamentos de primeira necessidade, como: antiofídicos, para febres, cocei-

ras e feridas, verminoses, etc.). Para aplicar tais medicamentos, pretendem mandar uma pessoa para Tefé, a fim de receber treinamento conveniente. Já compraram para o núcleo umas reses: bovino e suino. Cada família se comprometeu a contribuir com a importância de Cr\$500 por mês ou quanto possa dar. Esta importância pode ser paga com dinheiro ou com gêneros.

Para que a sociedade não viva só de contribuição, por sugestão do supervisor, fizeram a roça comunitária. É uma roça feita por todos os moradores e o produto dela é vendido e invertido o dinheiro em favor da caixa do núcleo. A roça que foi feita era de milho, pois dá para colhêr e vender tudo de uma só vez. Também para conseguir dinheiro para o núcleo, promoveram o Concurso da Rainha da Escola de Tamanicuá. Foi feita a apuração no dia 7 de agosto passado e rendeu Cr\$ 50.000.

Há também o projeto de se comprar para Tamanicuá um engenho completo para farinha de mandioca. Tão logo o núcleo disponha de verba suficiente, o comprará.

FORA ESTAS EXPERIÊNCIAS, PODEMOS TALVEZ APRESENTAR A FORMA DE SUPERVISÃO DO SISTEMA DE TEFÉ

A área do Sistema de Tefé é imensa. Compreende os municípios de Tefé, Fonte-Boa, Carauari, Caitaú e Maraã, com mais de 200 escolas espalhadas pelas margens de rios, igarapés, lagos e paranás, pois toda a área fica situada na parte mais rendilhada de cursos d'água da Amazônia. Não há escolas em margem de estradas, pois não há estradas. Por causa desta situação, o MEB/Tefé tem três centros: Tefé (sede), Fonte-Boa (sub-sistema) e Carauari (Sub-sistema). Tefé está dividido em dois setores de supervisão: Solimões acima, Solimões abaixo; Fonte-Boa, dois setores: Uati-Paraná e Solimões abaixo; Carauari um só. Todas as viagens de supervisão são feitas de lanchas, que servem de hospedaria, escritório e dormitório. Em Tefé há duas lanchas que saem do dia 10 em diante de cada mês para a supervisão. Em Fonte-Boa, há uma que, na primeira quinzena, sai Soli-

mões abaixo e na outra sai para o Auti-Paraná. Em Carauari há uma que sai para a viagem só de pois do dia 15 de cada mês. Os supervisores, ao saírem para viagem, levam tudo o que é necessário: máquina de escrever (quando há disponível), formulários de relatórios mimeografados, papel em branco para outras informações, outros formulários quando há outro serviço a fazer fora da supervisão, cadernos para anotações, material escolar para ser distribuído às escolas, quando há encomenda, receptores também quando é preciso trocar algum aparelho, lápis e lapiseira, todo o rancho para a viagem (conservas diversas) e dinheiro. A duração é de 20 dias para cada um. O Supervisor sempre obedece um roteiro preparado antes de sua partida. também o supervisor procura saber os problemas das localidades que vai visitar. Assim preparado, o supervisor está pronto para a supervisão na Amazônia. Queremos lembrar aqui que a lancha se encontra equipada desde o fogão ao fio de antena. No seu roteiro de viagem o supervisor deverá visitar, no espaço de vinte dias, de 25 a 30 escolas. O Supervisor, ao chegar ao povoado, permanece por um dia. Visita as casas, fala com o povo, corrige os cadernos dos alunos e dá o "visto", pede aos alunos que façam algum serviço escolar ou fala com eles sobre alguma data importante do mês. Depois disso, faz reunião à noite, na sede da escola, com todo o povo. Nesta reunião discute os problemas da escola e do povoado. Muitas vezes, é obrigado a permanecer no povoado mais de um dia. Quando há um assunto ou problema mais grave para solucionar, procura orientar o povo como fazê-lo. É um serviço mais de extensão do que propriamente supervisão. Quando há um movimento escolar que pede a sua colaboração, como no

caso dos núcleos, ele fica no povoado ajudando e orientando. Quando há muita desunião, ele procura atrair o povo para a reunião e acabar com a questão. De tudo que é feito são tomadas anotações para os relatórios ou informações. Chega mesmo o supervisor a visitar plantações e roças para averiguar o trabalho do povo. Todo o povo aprecia muito o serviço do supervisor e ajuda no que pode. Após a reunião noturna, o supervisor faz o relatório da localidade. Hoje, com as novas atividades do Sistema, o Supervisor deverá ficar mais dias na localidade onde houver um núcleo popular. Orientará serviços comunitários, quando convidado, e fará reunião com as diretorias e o povo, a fim de discutirem juntos os projetos realizados e a realizar. Quando a escola não carece de reunião, o supervisor, no mesmo dia, visita outra localidade. Pelo exposto, a visita do supervisor não se prende só à escola, mas, sobretudo, ao povoado. Foi um método adotado desde o início pelo Sistema e está dando ótimos resultados, sobretudo numa área onde em uma viagem de cinco dias gasta-se tanto quanto numa de vinte dias, onde numa viagem de cinco dias, atinge-se a mesma extensão que em uma de vinte dias.

NÚCLEOS RECÉM-FUNDADOS

Seguindo o exemplo e a aceitação de Fonte-Boa e mesmo por se achar "motivado" o meio, aproveitando o levantamento de área para a fundação de EERR, fêz-se o Estudo das localidades para a fundação de Núcleos e conselhos de animação popular, verificaram-se as condições geográficas da área, com os dados já vistos no estudo de área para EERR: os habitantes, por sexo, idade, procedência, ocupações, etc.; recursos naturais da área, solos, água, florestas, minerais, culturas, possibilidades de exploração, riquezas não exploradas e outras fontes de renda, como a caça e a pesca; infra-estrutura econômica, transportes, comunicações, energia; economia local - criação de gado, agrícola e industrial, possibilidades de seu incremento, correções a fazer

fabricações locais; comércio - facilidades de mercado de compra e venda, forma de estocagem do produto, reservas de produção, volume de produção; Instituições de Crédito - facilidades de transações bancárias de crédito; infra-estrutura social - serviços públicos, instituições escolares, de saúde pública e assistência médica, assistência social; Outros Recursos Sociais - habitações, igrejas, mercados públicos, abastecimentos domésticos, transportes coletivos, meios de recreação, instituições culturais, e econômicas. Além do mais, inclui-se no presente estudo: a vida familiar, religiosa, associativa, social, cívica e cultural. Tal estudo foi feito pela equipe, posteriormente ajudada pelos moradores das localidades. Em seguida, eram fundados núcleos com os líderes locais escolhidos. Assim, 11 núcleos foram fundados, todos com os seus conselhos locais escolhidos, e todos com os mesmos objetivos: serviços comunitários, vida social, etc. Todos os recursos financeiros iniciais saíram do povo: contribuição mensal variável e roças comunitárias. Além do mais, em algumas comunidades, os moradores ofereceram ao núcleo produção agrícola já existente, como parte de roças, farinha de mandioca, milho, etc. Os trabalhos comunitários são os mais variados possíveis, diferindo de localidade para localidade. Um começaram com a limpeza do povoado, outras com a compra de uma pequena ambulância médica, outras ainda com o melhoramento das habitações. Há ainda outras localidades que estão esperando ter maiores recursos para o início da compra de cabeças de gado. Cada conselho está formado de cinco pessoas, que foram eleitas diretamente pelo povo e permanecerão o tempo necessário para a execução de uma ou mais atividades. Houve uma localidade que escolheu uma diretoria

permanente para um ano e um conselho de trabalho. Os conselhos são nada mais nada menos do que comissões que se propõem realizar esta ou aquela atividade na comunidade, com a ajuda de todos os sócios ou moradores do povoado. Para orientar melhor, fazem a escrituração dos valores em caderno próprio e anotam os trabalhos a realizar em outro. Cada mês, marcam o serviço que deverão fazer no seu curso. Cada organização ou núcleo tomou o nome que o povo achou conveniente lhe dar.

Os Supervisores visitarão cada localidade destas de quinze em quinze dias, para dar orientação. Até o momento é a ajuda de fora que estão recebendo. Todos os trabalhos são bem conhecidos pelos supervisores, que não encontram dificuldades em orientá-los.

Estas são as novas diretrizes que toma o MEB/Tefé: Animação Popular. Para tanto, sem dúvida, teremos necessidade de orientação do Nacional no que fôr possível. Este meio ano teremos trabalho comunitário sem rendimento para o Sistema. Mas a partir de janeiro, contamos com a colaboração de todas as localidades com a quantia de 15% das rendas de cada uma para manutenção. Estes são os trabalhos existentes e iniciados de Animação Popular no Sistema de Tefé.

Todos os Treinamentos que houve em Tefé foram de monitores para EERR. Ainda não houve um Treinamento especificamente para Animadores de Comunidades.

* * *

Recebemos carta de Carlos e Maria Alice que nos dá bem a medida do que tem sido a bolsa do CREFAL, ao mesmo tempo que nos aproxima dos companheiros distantes, que, apesar da distância, vivem conosco o mesmo MEB, nas crises e venturas.

Aproveitamos o Boletim para transcrever a carta deles, dado o seu valor como informação e estudo.

C R E F A L

Patzcuaro - Michoacan - Mexico, 8 agosto 66

Companheiros,

Isso não é nem uma carta nem um documento. É como se fôsse um pequeno relatório.

Tem como utilidades:

- informar sôbre o que tem sido o Curso Ordinário da XIVª geração do CREFAL.
- informar alguma coisa mais importante sôbre nossa participação em algumas dessas atividades.
- fazer um primeiro levantamento crítico do que representa, para nós, este curso.

1) Informações sôbre o curso:

Como dissemos já, em parte, o Curso ordinário do Crefal se desenrola em etapas que, em grandes linhas, são as seguintes:

- apresentação de informes nacionais: em que as diversas delegações informam os professores e alunos sôbre as condições e situações de seu país, sobretudo a respeito de Desenvolvimento de Comunidades e, especialmente, sôbre o trabalho em que atua cada aluno-informante. Sôbre isso já falamos à larga com vocês. Resta lembrar que o Informe-Brasil foi, sem favor algum, dos mais críticos, e que o MEB foi bastante bem recebido.
- SEMINÁRIO SÔBRE SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DA A.LATINA: em que, inicialmente divididos em grupos e, depois, juntos em plenárias, debatemos problemas latinoamericanos. Também já contamos sôbre isso. Útil é lembrar que participei do grupo de aspectos demográficos, e que Maria Alice participou do grupo de Educação. Participação bastante ativa. Desde o informe, e sobretudo aqui, alguma coisa do que se poderia chamar "nosso testemunho", através de idéias surpreendentemente novas por aqui, e para quase todos os participantes, começou a ter alguma vigência.
- 1ª etapa de estudos básicos: que, segundo já falamos a vocês, se compunha das seguintes matérias: administração pública, ciências, desenvolvimento da comunidade, educação e desenvolvimento, meios de informação e desenvolvimento. Tudo já foi contado. Resta lembrar que as aulas nos tomavam tôda a manhã e

tôda a tarde, tendo sido um dos períodos mais sobrecarregados do curso. Tiramos conceito muito bom em tôdas as matérias, menos na primeira, que, por ser curso especial, não tinha provas.

- FÉRIAS: que aproveitamos para passar no Norte (desértico e quente) em companhia de um amigo mexicano, professor-diretor de uma das escolas normais do país. Fomos mais em plano de estudos, que de férias. Tivemos oportunidade (isso também já foi contado) de visitar escolas rurais (uma das melhores coisas do México), de conhecer Egidos (comunidades de terras e trabalho comunal), de estar com algumas pessoas dessas com quem vale a pena estar, de conversar com camponeses e professores. Foi um período curto, de uma semana, mas tão produtivo como qualquer período de aulas.
- 2ª etapa de estudos básicos: depois de uma primeira etapa mais geral e teórica, tôda a segunda etapa foi prática e dedicada ao que chamamos aqui, os "setoriais", dentro de um processo de Desenvolvimento de Comunidade. Eram estas as matérias; atividades recreativas, alfabetização de adultos, cooperativismo, crédito agrícola (estas duas últimas lecionadas pelo prof. brasileiro, Osman Magalhães, considerado por muitos como o melhor do curso), Economia doméstica, extensão agrícola, métodos educativos, saúde pública. Como na primeira etapa, tivemos uns 45 dias de aulas. Agora com um pouco menos aulas e um pouco mais de tempo livre, em função do trabalho escrito (tese), que tínhamos de fazer e apresentar pronto, em 4 cópias, até 1 de julho.

Acabamos de saber dos resultados: assim como na primeira etapa, conseguimos conceito muito bom em tôdas as matérias, menos em Economia Doméstica em que tivemos B (bom).

- Práticas de Campo: terminada a segunda etapa de estudos básicos, divididos em 7 grupos e junto com um professor-guia, saímos do Crefal e nos espalhamos pela República Mexicana, em busca de projetos de trabalho com o povo. Dentro do campo de escolhas que tínhamos, preferimos o grupo que se destinava a: Proyectos del INI (Instituto Nacional Indigenista). Justificação: 1) Era o grupo menor e um dos mais bem organizados, quanto a alunos participantes. 2) Pelo que ouvimos, o INI, trabalhando em integração de indígenas, era uma das organizações mexicanas dedicadas a um dos trabalhos mais integrados e integrais em Desenvolvimento Comunitário. 3) Iríamos a algumas das regiões mais interessantes do país, para conhecer costumes e povo.
Nota: México tem 4.000.000 de indígenas (Brasil tem perto de 150.000). Diferente de nós, todo o país com sua cultura, é intensamente marcado pela antiga e atual presença indígena. Finalmente, quando se diz indígena, por aqui, trata-se de gente vestida (às vezes lindamente vestida) e, muitas vezes, também no mesmo estágio cultural de muitas de nossas comunidades camponesas. Apenas, em geral, essas comunidades possuem uma forte e funcional estrutura sócio-cultural.

Roteiro: Saindo daqui de Pátzcuaro, fomos direto ao México onde passamos dois dias. Estivemos na Unidade Independência: tentativa bastante importante de urbanização em grandes cidades; no Museu Nacional de Antropologia: realmente extraordinário (tere-

mos de voltar lá para passar pelo menos uns dois dias); na sede Nacional do Instituto Nacional Indigenista onde ouvimos importante palestra de um dos bons antropólogos, daqui, sr. Aguirre Beltrán; finalmente no ILCE (Instituto Latino Americano de Cinematografia Educativa): que não faz cinema educativo, mas sim "cintas fixas" (ouseja, slides educativos em série) e onde ouvimos boa palestra e vimos como funciona a coisa! Do México fomos direto para Tlapa, cidade principal e sede do Centro Coordenador do INI, na mixteca nahua tlapaneca. Uma região miserável como os lugares mais pobres do Nordeste, mas não vimos nenhum "pueblo" sem escola. Vivem e trabalham aqui indígenas mixtecos, nahuas (descendentes dos astecas) e tlapanecos. Estivemos entre ótimas palestras do sr. diretor do Centro e visitas a três "pueblos" indígenas. Tivemos noção de como é feito o trabalho e de como não se deve fazer alguma coisa, dentro dele. Ficamos lá 4 dias, pouco, muito pouco, para o muito que havia para ver e aprender, mas o suficiente para se ter uma primeira idéia de algumas coisas importantes. De Tlapa seguimos para Acapulco. Dois dias de férias mergulhados até o pescoço no Pacífico. Dois dias absolutamente sem trabalho, repouso e renovadores. Seguimos de Acapulco para Jamiltepec, na região tida e chamada como Mixteca Baja. Estivemos cêrca de 10 dias vivendo no Centro Coordenador da Mixteca Baixa. Foi o complemento necessário, mas, a nosso ver, ainda não suficiente. Completamos o que precisávamos saber a respeito de como trabalha e do que pretende o INI junto a êsses grupos. Estivemos em três "pueblos", dois completamente indígenas, um com 80% deles e mais 20% de mestiços. No primeiro deles dormimos, e vivemos alguns dos nossos mais importantes e inesquecíveis momentos no México e na vida. Impossível esquecer San Juan Colorado, suas crianças, seus chefes, sua gente. Estivemos também observando alguns trabalhos de "reaçomodo", ou seja, colonização mal feita com indígenas mixtecos vindos desde a Mixteca Alta. Visitamos uma grande roça comunal. De Jamiltepec, e já em plano de férias posteriores à prática, fomos para Tlaxiaco, onde está o Centro Coordenador da Mixteca Alta. Passamos não mais que uma noite e uma manhã por lá. Seguimos de Tlaxiaco para Oaxaca, Capital do estado do mesmo nome. Visitamos algumas grandes e belas ruínas dos tlapanecos. De volta para casa, passamos de novo por México e chegamos aqui, cansados, famintos (a alimentação nestes lugares, quando havia, era muito má), crescidos, deslumbrados e felizes. Não vale a pena fazer um relatório maior do que vimos, aprendemos e vivemos. Certas coisas perdem o muito de si, se descritas assim, a séco. Tomamos o cuidado de tirar muitas fotos, tôdas em cores, que poderão ser mostradas junto com um relatório pessoal, bom e completo. Certamente valeu muito, muito mesmo, ainda descontando que não vimos Desenvolvimento de Comunidades (onde neste mundo é possível encontrá-lo?) e vimos um quase nada de Educação de Adultos.

- Informes sôbre a prática de campo: Começou na segunda-feira e terminou na sexta. Apresentamos nosso informe (todo o nosso grupo), na terça. Foi considerado por vários e lúcidos, como o melhor. Como atividade extra, fiz duas "cintas fixas". Uma na mixteca nahua tlapaneca e outra na mixteca baja. Apresentei uma delas e Maria Alice outra. Para alegria nossa, isso foi também considerado como uma das boas coisas dentro dos informes.

- O QUE FALTA: Estamos a um mês e uma semana do final do curso. O Tempo montou em cavalo bravo e passou por nós, disparado. Na semana entrante (hoje é domingo), defenderemos nossas teses. Cada aluno tem 40 minutos para se explicar, frente a dois professores indicados pelo Conselho de Professores. Maria Alice defende a sua terça-feira pela manhã. Tema: Estudio previo de la Comunidad, datos para un proyecto de estudio previo a ser realizado por el MEB/Goiás. Jurados: Yollanda Sanguinetti, prof. de Desenvolvimento de Comunidades e Hilda Segarra, prof. de Economia Doméstica. Uma chilena, a outra portorriquenha. Defendo a minha na terça à tarde. Tema: O pescador e o lavrador, una aproximación al estudio de algunos procesos y factores en la distorción de comunicaciones verbales oralmente transmitidas. Jurados: Roger Bordage, prof. de Meios de Informação e Desenvolvimento, e Moises Aisemberg, prof. de Saúde Pública. Um francês e outro argentino. Temos condições para fazer boas defesas. Ambas as teses parecem estar suficientemente boas.

Terminada essa semana, teremos 25 dias sem parar, dentro de um Seminário.

Tema Geral: La administración de los programas de desarrollo de la Comunidad.

Subtemas: La administración pública y el desarrollo nacional.
 La actual organización administrativa y los programas de Desenvolvimento de Comunidades.
 Aspectos de organización de los programas de Desenvolvimento de Comunidade.
 Aspectos de operación de los programas de Desenvolvimento de Comunidade.
 La cooperación de los organismos internacionales a los programas de DC.
 La administración de personal.

Duas semanas em trabalhos preparatórios, quando os alunos e professores serão divididos em tantos grupos quantos são os subtemas. Perto de 10 dias em sessões plenárias. Isso pode ser o ponto alto do curso. Promete discussões: muitas, profundas, polêmicas, acaloradas e úteis. Além do corpo docente, daqui, virão dois grandes especialistas no problema. Um é francês e já tivemos aulas com ele. Muitíssimo bom. Outro é um latino-americano ainda desconhecido para nós, mas de grande fama.

Terminado o seminário, é receber diploma, ouvir uns quantos discursos, dançar um pouco no baile final e voltar pra casa (finalmente).

2) Informações sobre alguns aspectos de nossa participação:

Nada de auto-análise profunda. É cêdo para isso e queremos fazê-la aí, com vocês. Apenas a relação de algumas coisas extra-curso-normal, feitas dentro ou não dêle:

- Maria Alice, como expositora de uma parte das aulas de métodos educativos, apresentou o programa MEB 65. A apresentação, além de muito boa, levantou um grande interesse. Alguns pediram traduções do trabalho.

- Apresentei, em minha parte, na mesma cadeira de Métodos Educativos, algo sobre o Sistema Paulo Freire. A turma se deslumbrou a grande. Comigo? Não, com o Sistema. Pediram que fôsse mimeografado, a tradução ou um estudo meu sobre o assunto. Conversando depois com o catedrático de Alfabetização, ele manifestou o desejo de fazer tudo por sua conta, em nome do setor.
- Fizemos a tradução de um trabalho sobre o MEB, enviado por Vera. Está em revisão final e deverá ser publicado pelo Crefal.
- Trabalhei na preparação de uma grande pesquisa de alfabetização patrocinada pela UNESCO e realizada pelo CREFAL. Trabalhamos em uma parte, um prof. holandês, e eu. Os resultados foram muito positivos. Fui convidado para participar da codificação, mas parece que não há tempo.
- Estou trabalhando, junto com outros dois alunos (um é cubano e o outro um peruano), no comitê de organização do seminário final.
- Temos finalmente, tanto em atividades oficiais como em outras, procurado estar sempre presentes, com nosso testemunho e com nossa atenção. Junto com outros amigos saídos de ação católica, podemos hoje garantir que semeamos por aqui uma longa lista de inquietudes, de problemas e caminhos, muito pouco suspeitados por quase todos os alunos e professores. Isso parece ter sido o melhor fruto.

3) Muito breve análise:

Ainda não há tempo suficiente para fazê-la a fundo. Será preciso estar mais longe de tudo isso que estamos vivendo. Mas há alguns pontos que merecem ser, desde já, colocados.

O Crefal é, de fato, uma experiência bastante válida, que poderia ser bem mais válida. O maior pecado de tudo isso por aqui é a disparidade entre orientações e níveis. Temos, desde professores muito bons, até professores péssimos. Da mesma forma, somos um conjunto de alunos bastante desnivelados. Isso complica tudo, dos dois lados. Infelizmente, também, não há unidade ideológica alguma, nem poderia haver. E se o nível fôsse mais profundo, seria bom que não houvesse. Facilita o debate e diálogo. Grande parte tanto de professores como de alunos têm uma fraca visão técnica do problema de Educação e Desenvolvimento, e uma inexistente visão ideológica. Mas a experiência que se vive é quase única. Sete meses dialogando problemas de tudo o que importa, com 66 alunos e perto de 20 professores vindos de várias partes, com experiências, as mais distintas, com orientações as mais diversas. Isso é, sem favor ou dúvida, algo que quase só o Crefal pode oferecer. É sua grande riqueza, e dela temos procurado aproveitar o máximo.

Ao final do curso, cremos que temos uma síntese pessoal. Em primeiro lugar, uma síntese constante de idéias muito mais claras, sobretudo a respeito de 4 pontos: Desenvolvimento Socioeconômico; Desenvolvimento de Comunidades; Educação; Educação de Adultos. Fruto de estudo, reflexão muita, muita conversa e, sobretudo, de um esforço cotidiano e forte por renovar-se todos os dias.

Junto a vocês terminamos todos os pontos dêste relatório inicial. Aí, sim, êle poderá ser produtivo e completo, integrador para nós e útil para vocês. Abraços grandes.

ass.) Carlos e Maria Alice

P.S. - Acabávamos de "aprontar" êste Boletim, quando chegou carta do CREFAL com os resultados do curso. Tanto Carlos, como Maria Alice, obtiveram notas máximas. Isto é motivo de alegria para todos nós.
